

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS- CESP
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

SUZANNE SOUZA GUIMARÃES

**ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E TRABALHO DAS MULHERES RIBEIRINHAS NAS
FEIRAS DE PARINTINS-AM.**

PARINTINS-AM
2019

SUZANNE SOUZA GUIMARÃES

**ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E TRABALHO DAS MULHERES RIBEIRINHAS NAS
FEIRAS DE PARINTINS-AM.**

Trabalho final apresentado a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Msc. **João Bosco dos Santos
Brasil**

PARINTINS- AM
2019

SUZANNE SOUZA GUIMARÃES

**ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E TRABALHO DAS MULHERES RIBEIRINHAS NAS
FEIRAS DE PARINTINS-AM.**

Trabalho final apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Parintins ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profº dr. José Camilo Ramos

Dedico a Deus por me guiar durante essa trajetória, a minha falecida avó Neuza Alencar, a minha mãe Rúbia Alencar e ao meu querido Pai Paulo, por sempre acreditarem no meu potencial e nunca desistirem de mim. Meu carinho e gratidão sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar sabedoria e força para continuar nos meus estudos.

À minha avó Neuza por ter acreditado e me apoiado sempre.

À minha mãe Rúbia por sempre dar o seu melhor por mim, me incentivando e proporcionando amor e carinho durante a reta final do meu curso.

Ao meu Pai Paulo, por sempre incentivar meus estudos.

Aos meus queridos amigos Enner Ribeiro e Artur Xavier, por proporcionarem companheirismo e paciência nas entrevistas de campo, nas feiras da cidade.

As oito mulheres que entrevistei, agradeço por proporcionarem o seu tempo e atenção para que eu pudesse desta forma saber e compreender o trabalho dentro das feiras.

Ao meu orientador, professor João Bosco, por ter me compreendido e dado uma segunda chance para que eu pudesse concluir este trabalho.

A todos meu muito obrigada!

Não penso muito em legado para as próximas gerações. Penso apenas em acordar de manhã e trabalhar com pessoas brilhantes para criar e construir coisas que, espero, que seja tão apreciada por outras pessoas como são apreciadas por nós.

“Steve Jobs”

RESUMO

A pesquisa intitulada “Organização espacial e trabalho das mulheres ribeirinhas nas feiras de Parintins-AM”, é uma abordagem que procura descrever a participação das mulheres que trabalham na agricultura familiar e pescam o camarão nas comunidades rurais da cidade de Parintins e comercializam esses produtos nas feiras da cidade, discutindo principalmente, a realidade da mulher ribeirinha amazônica, com seus meios de subsistência e de como está se organiza espacialmente para a comercialização de seus produtos. Este trabalho os objetivos se constituem em objetivo geral: Compreender a organização espacial do trabalho das mulheres ribeirinhas nas feiras de Parintins-AM; seguido dos específicos: Descrever o envolvimento da mulher no processo de plantio ou pesca, colheita e comercialização dos produtos regionais nas feiras de Parintins; Conhecer os motivos que justificam a presença e permanência da mulher nas feiras de Parintins; Descrever os principais pontos negativos e positivos da permanência no ambiente de trabalho. utilizou-se de uma metodologia baseada no método descritivo. A pesquisa é de cunho qualitativa, sendo a pesquisa qualitativa predominantemente descritiva, como método que abarca a perspectiva a realidade da mesma. Utilizou-se a coleta de dados primários e secundários, com base em dissertações, artigos, pesquisa de campo e o uso de questionários com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos da pesquisa se enquadram em seis mulheres de determinadas comunidades de Parintins como, comunidade do Máximo, Bom Socorro do Zé Açú, Comunidade do Quebra, Santo Antônio do Murituba, Parana do Espírito Santo do meio, Catispera, no qual trabalham nas feiras do Bagaço, feira do Produtor e feira do Mercado.

Palavras Chaves: Mulher. Ambiente de Trabalho. Feirantes.

ABSTRACT

The research entitled space "Organization and the riverine women's work in the fairs of Parintins-AM", is an approach that tries to describe the women's participation that you/they work in the family agriculture and they fish the shrimp in the rural communities of the city of Parintins and they market those products in the fairs of the city, discussing mainly, the Amazonian riverine woman's reality, with their subsistence means and of as it is if it organizes espacialmente for the commercialization of their products. This work the objectives are constituted in general objective: To understand the space organization of the riverine women's work in the fairs of Parintins-AM; following by the specific ones: To describe the woman's involvement in the planting process or he/she fishes, crop and commercialization of the regional products in the fairs of Parintins; To know the reasons that justify the presence and the woman's permanence in the fairs of Parintins; To describe the main negative and positive points of the it stayed in the work atmosphere. it was used of a methodology based in the descriptive method. The research is of qualitative stamp, being the predominantly descriptive qualitative research, as method that embraces the perspective the reality of the same. The collection of primary and secondary data was used, with base in dissertations, goods, field research and the use of questionnaires with open and closed questions. The subject of the research if they frame in six women certain communities of Parintins as, community of the Maximo , Bom Socorro of Zé Açú, Community of the Quebra, Santo Antônio of Murituba, Paraná of the Espírito Santo of the middle, Catispera, in which work at the fairs of the Pulp, fair of the Producer and fair of the Market.

Key words: Woman. Atmosphere of Work. Merchants.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dona Harlene Borbosa da comunidade da Catispera na comercialização do Camarão e os produtos da agricultura familiar na Feira	18
Figura 2 - Feiras do Mercado, do Produtor e do Bagaço.	20
Figura 3 - Organização espacial das mulheres feirantes que comercialização ao lado da feira	20
Figura 4 - Dona Rosália na comercialização dos derivados da mandioca	22
Figura 5 - Dona Valmita na comercialização da tapioca.	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. COMUNIDADES RIBEIRINHAS: VIDA E TRABALHO FAMILIAR	13
1.1 A contribuição da mulher na pesca e agricultura familiar nas comunidades ribeirinhas	14
2. MULHERES RIBEIRINHAS: ENTRE A CASA, A PESCA E A FEIRA	15
2.1 A pesca	16
2.2 A presença da mulher nas feiras	19
3. MULHERES E OS DESAFIOS NOS AMBIENTES DE TRABALHO.....	22
CONSIDERAÇÕES	27
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “Organização espacial e trabalho das mulheres ribeirinhas nas feiras de Parintins-AM” trata-se de uma abordagem que descreve a participação das mulheres que trabalham na agricultura familiar e na pesca, em derivadas comunidades do município de Parintins, ampliando o conhecimento sobre a vida em comunidades, como são relacionados, a participação da mulher na comercializam desses produtos nas feiras da cidade, discutindo principalmente, a realidade da mulher ribeirinha amazônica, com seus meios de subsistência e de como esta se organiza espacialmente.

Neste sentido, entende-se que no processo de evolução da história da humanidade, a figura feminina no contexto social era relativa na maioria das vezes ao papel de ser a provedora do lar e geradora de filhos, adaptando-se ou ajustando-se a períodos de desvalorização e submissão, considerada a ser um sexo frágil, sem voz e forças psicológicas para adentrar no mercado de trabalho formal, com a obrigação somente de dona de casa e do trabalho doméstico. Mas esta mulher, denominada “delicada e sensível”, com o passar do tempo, começa a ganhar espaço na sociedade e dentro de trabalhos ligados ao sexo masculino, como a pesca e a agricultura.

A necessidade de evoluir conforme as transformações do espaço social geográfico trouxeram inúmeras dificuldades, conquistas e desafios para emergência feminina, tanto nos pilares econômicos, culturais, religiosos e políticos, que se diferenciam conforme as regiões brasileiras e em particular na região amazônica, como palco principal de abordagem deste trabalho.

Para tanto, os objetivos voltam-se para a compreensão da organização da mulher ribeirinha feirante no município de Parintins, sendo um dos trabalhos marcados pela insalubridade e dificuldades diante do mundo contemporâneo. Nesta perspectiva, o objetivo desta pesquisa visa compreender a organização espacial do trabalho das mulheres ribeirinhas nas feiras de Parintins-AM, no qual será descrito o envolvimento da mulher no processo de plantio ou pesca, colheita e comercialização dos produtos regionais nas feiras de Parintins, bem como conhecer os motivos que justificam a presença e permanência da mulher nas feiras de Parintins e discorrer sobre os principais pontos negativos e positivos da permanência no ambiente de trabalho.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se de uma metodologia baseada no método descritivo. A pesquisa é de cunho qualitativa, sendo a pesquisa qualitativa predominantemente descritiva, como método que abarca a perspectiva a realidade da mesma. Como afirma Triviños (1987), as descrições dos fenômenos estão impregnadas de significado que o ambiente lhe imprimi, produto de uma visão subjetiva. Desta forma a interpretação dos resultados tem como base a percepção de um fenômeno num contexto social, sobretudo geográfico.

Utilizou-se a coleta de dados primários e secundários, com base em dissertações, artigos, pesquisa de campo e o uso de questionários com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos da pesquisa se enquadram em seis mulheres feirantes das comunidades adjacentes de Parintins, a saber: Comunidade do Máximo, Bom Socorro do Zé Açú, Comunidade do Quebra, Santo Antônio do Murituba, Catispera e Paraná do Espírito Santo do Meio, no qual trabalham nas feiras do Bagaço, feira do Produtor e feira do Mercado.

1. COMUNIDADES RIBEIRINHAS: VIDA E TRABALHO FAMILIAR

As comunidades ribeirinhas com suas formas e dinâmicas diferenciadas, consiste neste meio vidas e relações. Relação esta que torna esses lugares com pessoas distintas em crenças, culturas, saberes e interação no lugar que vivem. Segundo Fraxe (2007), o termo “ribeirinho” refere-se àquele que anda pelos rios. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo às terras mais férteis de suas margens.

Quem mora ou visitou uma comunidade sabe que o tempo é desacelerado. Em comparação a vida de quem mora em comunidade ribeirinha é menos agitado que um meio urbano. Falar das comunidades ribeirinhas da Amazônia, é descrever sobre as relações familiares e comunitárias, suas atividades socioeconômicas, suas tradições culturais e religiosas. Geralmente os grupos familiares comunitários são numerosos, os quais se organizam e dividem seu tempo de trabalho em detrimento ao ritmo das águas, ou seja, a pesca artesanal, agricultura familiar, as criações e ao lazer de final de semana.

As características naturais da várzea, representadas pela fertilidade do solo, grande riqueza fitoplâncton e elevada diversidade piscícola dos rios, são qualidades inerentes das planícies de inundação banhadas pelos rios de água branca. A várzea sempre foi lugar de moradia para as famílias ribeirinhas, que aí vivenciam historicamente suas experiências de vida, a partir de um envolvimento equilibrado com o ambiente, simbolizado por relações dinâmicas e criativas, essenciais para a sua permanência e sobrevivência. (BRASIL, 2015, p. 16).

Diferente dos solos de terra firme, os solos aluvionais não dependem tanto da cobertura vegetal e da decomposição da matéria orgânica para manter seu nível de fertilidade, com o regime das cheias renovam-se com espessa camada de nutrientes todos os anos (MURRIETA, 2006). Com a dinâmica sazonal do rio, as comunidades de várzea estão em constante interligação, seu modo de vida é modificado de acordo com esse fenômeno.

Morin (2004) destaca que a várzea amazônica proporciona vantagens naturais significativas para os moradores das comunidades ribeirinhas, no qual tem a contribuição para o meio de sobrevivência das famílias, pois há uma construção de relações e convivência com o período da cheia e da vazante do rio. Dessa forma, as características intrínsecas da várzea, cheia e vazante dos rios não condiz apenas pela

renovação natural das camadas do solo. Mais do que isso, contribui também, para a renovação dos espíritos de cada morador alimentando-os com uma grande carga de otimismo e energia para um eterno recomeçar, diante as adversidades socioambientais da várzea.

1.1 A contribuição da mulher na pesca e agricultura familiar nas comunidades ribeirinhas

O termo “comunidade” para Silva (2015), é o mais utilizado na região para se referir aos povoados da área rural, tanto os localizados em regiões de várzea quanto os de terra firme. Esse termo é usado nos povoados onde os moradores são organizados politicamente, com cargo de representação. A vida e particularidade das comunidades tanto de terra firme como de várzea, tem sua essência, moradores, famílias e a criação tem o diferencial da cidade grande.

Wolf (1970), descreve que a propriedade familiar das comunidades ribeirinhas é subdivida em processo de herança entre os herdeiros familiar de primeira instancia, no qual são os filhos. Desta forma, cada pedaço de terra repassado, às vezes torna-se pequena demais para cada núcleo familiar.

Deve-se considerar que existem diversos tipos de famílias, mas que estão estruturadas basicamente em nucleares (compostas exclusivamente pelos cônjuges e sua prole) ou extensas (que agrupam em uma única estrutura outras famílias nucleares em número variado). (WOLF, 1970).

A mulher ribeirinha tem um papel importante na dinâmica tanto da pesca como na agricultura familiar. Segundo Fraxe (2007), a agricultura familiar no Amazonas está baseada em Sistemas Agroflorestais diversificados segundo os quais são delineados os mecanismos, as habilidades e as técnicas necessárias para uso e manejo da diversidade dos recursos naturais. Esses sistemas asseguram e estabelecem os contornos das formas de produção e de consumo dos bens necessários à reprodução socioeconômica e cultural das unidades familiares de produção.

A exemplo, as comunidades rurais de Parintins, esse sistema agroflorestal ou a agricultura é realizada de forma tradicional, utilizando técnicas rudimentares e sem emprego de maquinário agrícola, sendo a maior parte da mão de obra a familiar. Os conhecimentos, segundo Witkoski (2010), são repassados de pai para filho, sendo a responsabilidade de ensinar as diferentes técnicas para assim dominar a atividade que sustenta a família.

A atividade agrícola acontece no período da vazante, pois é o momento em que a várzea não está submersa como destaca Brasil (2015). Com a chegada da vazante, as águas recuam represando-se nas partes mais baixas dos terrenos, deixando as terras úmidas fertilizadas e prontas para mais um ciclo da vida, uma recompensa riquíssima proporcionada pela enchente para as famílias ribeirinhas, que agora dispõem de mais uma fonte natural para obtenção de sua subsistência alimentar.

Como na várzea ocorre no período chuvoso e a subida da água sobre o terreno, os agricultores desenvolveram um tipo de solução de pequena escala, amplamente difundida, que consiste no cultivo de hortaliças em canteiros suspensos. Dessa maneira, de acordo com Fraxe (2007), as plantas ficam livres do excesso de umidade e o cultivo não precisa ser interrompido durante o período das cheias. Segundo Noda (2007), geralmente próximos às casas, caracteriza-se por canteiros suspensos construídos de madeira, preenchido com solo da várzea e esterco de gado disponível no local.

Brasil (2015), identifica o cultivo de hortaliças como a cebolinha, a couve, o coentro, o tomate, a pimenta de cheiro e culturas de ciclo curto como a mandioca, milho, feijão, maxixe, melancia, melão, jerimum, etc. Segundo Fraxe (2007), no final de um ciclo de cultivo, início da enchente, estas áreas são capinadas momentos antes de serem encobertas pela água e estarão totalmente “limpas” quando emergirem na estação seca prontas para o plantio. Diferente das hortaliças em balcões suspensos que podem ser cultivadas o ano todo.

2. MULHERES RIBEIRINHAS: ENTRE A CASA, A PESCA E A FEIRA

As mulheres ribeirinhas desenvolvem uma tríade de atividades que se interligam, entre a casa, a pesca e a feira. É uma realidade que estas vivem e

convivem no decorrer do ano na busca pela melhoria de vida e oportunidades. Em casa, a mulher ribeirinha tem o papel de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Na pesca, a mulher ribeirinha tem a possibilidade de dar conta de todo o processo da captura dos pescados. E na feira, é responsável de comercializar todo produto gerado nas comunidades ribeirinhas de várzea. Este processo garante o sustento da família e o manejo de todas as atividades realizadas pela família.

2.1 A pesca

Quando se trata da pesca, a mulher tem o papel de suma importância, a prática da pesca do camarão, é exemplo de que a mulher pode ir à luta para ajudar no sustento familiar. Na comunidade da Brasília, no município de Parintins, a pesca do camarão caracteriza-se como pesca artesanal. Sua definição, segundo Silva (2014), é uma atividade oposta à pesca em larga escala, que utiliza tecnologias sofisticadas e envolve pesados investimentos, acessíveis apenas a uma classe capitalista da qual as comunidades pesqueiras não se incluem. Por outra perspectiva, a pesca artesanal é frequentemente apresentada como uma atividade caracterizada pela baixa produtividade e taxa de rendimento e de subsistência.

A prática da modalidade da pesca por mulheres não se limita apenas nestas localidades, segundo Alencar (2013, p. 21), “existe uma longa tradição da participação feminina na produção pesqueira em comunidades situadas nas áreas costeiras e ribeirinhas das águas interiores do Brasil, no entanto, este trabalho nem sempre é socialmente reconhecido e valorizado”.

No entanto, o reconhecimento deste trabalho que se distribui geograficamente no Brasil e em comunidades ribeirinhas ao longo dos rios da Amazônia, começa a ganhar espaço, de acordo com Alencar (2013, p. 21), a partir da década de 1980, quando as mulheres começam se organizar e a reivindicar direitos na perspectiva de ter acesso aos benefícios previstos nas políticas de seguridade e previdência social.

Costa (2000) identifica que essa atividade por mulheres na Amazônia já se desenvolvia ainda no século XIX, que tanto as mulheres como crianças desempenhavam tais funções nas áreas rurais, onde a população vivia de uma economia de subsistência. A mulher trabalhava tanto na capina como no plantio e na colheita, remava, pescava, caçava animais de pequeno porte, cuidava da casa, dos

filhos, da comida e da execução de objetos de artesanato. A criança, a partir de uma certa idade, também tinha uma série de funções a cumprir na ajuda dos pais.

Hoje em dia, no município de Parintins, a atividade pesqueira realizada por mulheres se manifesta principalmente nas comunidades Brasília e Catispera, uma vez que o cotidiano, a segurança alimentar e financeira baseia-se tanto da agricultura familiar, pesca artesanal e a criação de animais de pequeno porte.

A pesca em si, acontece no lugar de vivência dessas mulheres, ou seja, nos lagos mais próximos, durando aproximadamente 8 horas por dia, indo do início da manhã até o fim da tarde, onde acontece a captura da espécie. Essa atividade compreende as seguintes exigências como necessidades para chegar ao objetivo final, como observamos no quadro 01 a seguir.

Quadro 01: Instrumentos necessários para a pesca do camarão

Isca	Apetrechos	Transporte	Sujeitos
Restos de pão e/ou peixe cachorro cozido	A camaroeira	Bajara ou rabeta	As mulheres e os filhos mais novos

Fonte: Diógenes *et al* *(2013). Org. Suzanne Guimarães, 2019.

A técnica se enquadra com a atração (isca) do crustáceo para a armadilha (camaroeiras), ficando presos até a coleta pelas mulheres e seus filhos, que utilizam de bajara ou rabeta para a locomoção dentro do lago.

Após a captura, é necessário, segundo Diógenes *et al* (2013), a conservação do crustáceo, realizada de forma artesanal, geralmente em um fogão a lenha, onde são utilizadas panelas de alumínio e sal para cozer o camarão que será comercializado no outro dia pela manhã, ao lado do mercado central da cidade, somente pelas mulheres.

Segundo Rodrigues (2017), a pesca artesanal do camarão é um trabalho no qual não existe iniciativas políticas, sociais, ambientais, quanto a conservação, defesa da espécie, nem proteção social das pescadoras. A pesca do camarão está acontecendo, porém não está sendo contabilizada como frente de trabalho de grande importância para a manutenção familiar de várias famílias ribeirinhas.

Ainda de acordo com o autor, existe uma emergência de estudos para identificarem os impactos quanto a utilização dos diversos tipos de apetrechos

utilizados na pesca do camarão no Baixo Amazonas, bem como é importante conhecermos mais sobre as formas como vem acontecendo para então termos subsídios para uma análise adequada sobre essa forma de trabalho na Amazônia.

A mulher nas comunidades ribeirinhas quando assumem o papel de pescadora, a provedora da renda familiar, tende a ter uma posição diferente, dito que esta prática do pescado sempre foi vista pela classe do sexo oposto, que sai de seus lares e adentram o rio, em busca do pescado para a alimentação da família como para a renda, assim, comercializando, como observa-se na figura 01.

Figura 1 - Dona Harlene Barbosa da comunidade da Catispera na comercialização do Camarão e os produtos da agricultura familiar na Feira



Fonte: Suzanne Guimarães, 2018

Essa atividade pesqueira feita por mulheres, retira o olhar de que a pesca não é feita apenas pelo homem. A mulher pesca, cultiva, cuida do lar e ainda realiza a comercialização, buscando a renda com este trabalho. A mulher pescadora assume então uma identidade de luta no setor pesqueiro. Maneschy (1999), destaca sobre o exercício da classe feminina no pescado:

A complementariedade que em princípio denotaria interdependência, portanto, pressuposto para relações simétricas entre os sexos, como acentuou Baniter (1986), é tradicionalmente pensada em termo de ascendência dos papeis masculinos sobre os femininos, tidos como acessório. Tal modelo ideológico é acentuado sob o capitalismo, na medida em que a noção de trabalho é associada à geração de renda monetária, concebendo-se como secundárias aquelas atividades não pagas, relacionadas ao consumo, como o preparo dos alimentos, sua distribuição e, logicamente, o cuidado com os seres humanos. (MANESCHY, 1999, p. 163).

2.2 A presença da mulher nas feiras

Nos dias da semana, principalmente nos dias de sexta-feira, as mulheres que trabalham com a venda dos produtos da agricultura familiar e pesca se direcionam para as feiras da cidade de Parintins. Estas saem das suas comunidades, no horário entre as quatro ou cinco da madrugada, com a finalidade de encontrar na feira um bom local para a comercialização de seus produtos.

De acordo com Souza (2017), existem por toda a cidade de Parintins espaços de comercialização de produtos do setor primário, no entanto, os principais são a Feira do Bagaço e Mercado Municipal Mundico Barbosa, situados no bairro da Francesa; Feira do Produtor, Mercado Municipal no centro da cidade, Feira da Rua 03 (Rua Pe. Augusto Gianola) no bairro de Paulo Corrêa, com venda do pescado às hortaliças como o cheiro-verde, entre tantas outras áreas de vendas, dispostas nas calçadas e outros espaços públicos da cidade.

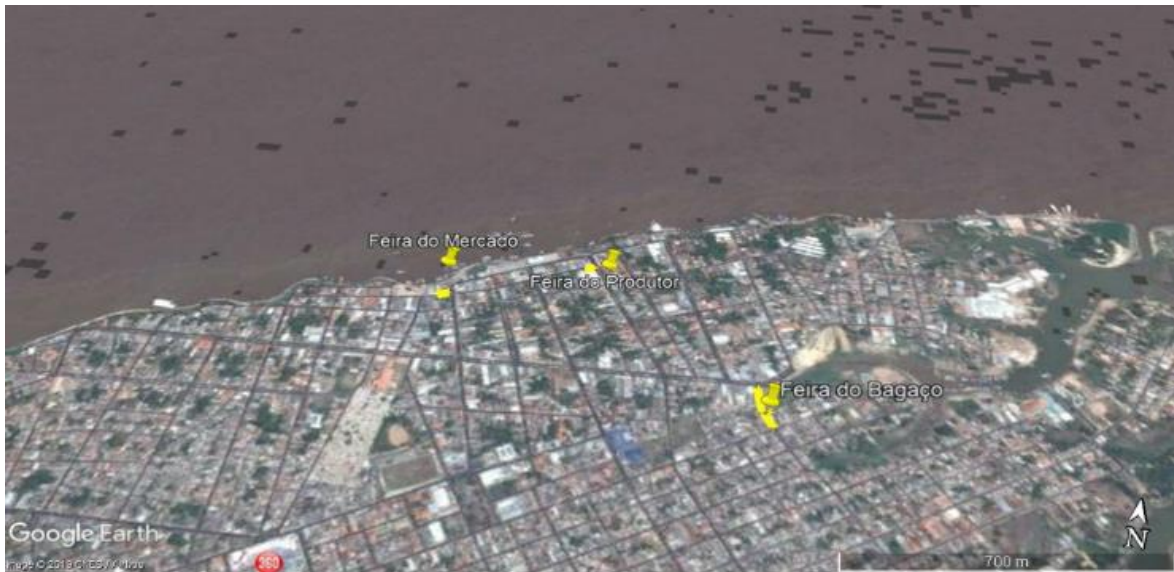
As principais feiras frequentadas por essas mulheres para a venda dos produtos oriundos das comunidades são:

1° - A feira do Bagaço, como mostra a figura 04 a seguir, localizada no bairro da Francesa, mais precisamente no trecho da Rua Silves. É uma das maiores feiras de comércio de alimentos da cidade de Parintins e de intenso fluxo de pedestres e automóveis.

2° - Feira do Produtor, situada no centro da cidade, na rua Boulevard Quatorze de Maio, também conta com um fluxo significativo de pedestres e automóveis, tornando-se um ponto bastante atrativo para a venda de hortaliças e produtos em geral.

3° - Feira do Mercado, é uma feira informal. Deve-se o nome a proximidade do mercado municipal, onde alocam-se barracas e bancas improvisadas para a comercialização dos produtos da agricultura familiar.

Figura 2 - Feiras do Mercado, do Produtor e do Bagaço.



Fonte: Google Earth Pró, imagem 2019 CNES/Airbus.
Org. Suzanne Guimarães, 2019

Vale salientar que, conforme as mudanças na infraestrutura da cidade de Parintins, as mulheres feirantes comercializavam as hortaliças, frutas, o peixe e o camarão, ao lado da feira do mercado, no qual a mesma localidade era referida ao mesmo nome da feira em si, não existe mais. Desta forma, o realocamento dessas mulheres fora inserido para dentro do âmbito da feira do mercado, assim, organizando-se espacialmente. Observa-se figura 03.

Figura 3 - Organização espacial das mulheres feirantes que comercialização ao lado da feira.



Fontes: Suzanne Guimarães, 2018 e Prefeitura Municipal de Parintins/AM, 2019
Organização: Suzanne Guimarães 2019.

Segundo Corrêa (1987), a organização espacial é um objeto, uma materialidade social. Uma sociedade como materialidade, a organização espacial deriva-se de uma totalidade social construída pelo homem, no qual no processo de transformação, a sociedade é a própria espacialização da organização espacial. Desta maneira, para Corrêa (1987), é conveniente esclarecer que a expressão organização espacial possui, a nosso ver, vários sinônimos: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente, espaço. Dizer que cada uma delas corresponde a uma específica visão de mundo e, ainda, que uma é melhor que a outra constitui.

O deslocamento destas mulheres que viviam em um meio com falta de infraestrutura de qualidade no lugar onde mostra a figura à esquerda, era a falta de políticas públicas adequadas para as feirantes - sol, chuva, calor - eram um dos fatores mais contestados pelas mesmas. A partir de 27 de maio de 2019, o cenário de insalubridade no qual essas mulheres comercializavam mudou. O local onde era o meio de comércio dessas mulheres tornou-se um lugar espacialmente modificado, como mostra na figura 05 à direita.

Segundo a senhora Harlene Barbosa, o deslocamento do lugar que ela comercializava durante 42 anos, ainda é novidade, mas a condição na melhoria de infraestrutura comercial tornou-se melhor, no entanto ainda é cedo para dizer algo negativo.

No exercício de suas atividades, as mulheres pescadoras e agricultoras alocam-se em lugares improvisados para a comercialização dos produtos, no entanto, a novidade de uma infraestrutura adequada para as outras mulheres feirantes ainda não é uma realidade, como mostra a figura 04, a seguir.

Figura 4 - Dona Rosália na comercialização dos derivados da mandioca



Fonte: Suzanne Guimarães 2019

3. MULHERES E OS DESAFIOS NOS AMBIENTES DE TRABALHO

Falar do papel feminino no mercado de trabalho em pleno século XXI é resgatar e valorizar a importância das inúmeras mulheres para o mundo atual, principalmente das mulheres trabalhadoras em uma região tomada com características muito particulares, que lutam pela sobrevivência dia após dia, organizando-se em um calendário determinado pelas intempéries naturais da enchente e seca dos rios da Amazônia brasileira.

Trata-se das mulheres que praticam a pesca e desenvolvem a agricultura familiar na comunidade do Máximo, Bom Socorro do Zé Açú, Comunidade do Quebra, Santo Antônio do Murituba, Catispera, Paraná do Espírito Santo do meio, localizadas no interior da cidade de Parintins.

Estas utilizam desses recursos naturais para a venda nas feiras da cidade de Parintins na perspectiva de garantir a subsistência da família, caracterizando um espaço de lutas e desafios diários, do rural ao urbano.

Essas mulheres fazem parte de um sistema de produção fundamentado, segundo Little (2002), na agricultura, pesca e extrativismo, praticados principalmente pelas famílias que habitam as margens dos rios e igarapés da Amazônia. Estes variam

em função de aspectos culturais, relações sociais e econômicas e especificidades do ambiente, se confundindo muitas vezes com a própria identidade dos habitantes destas áreas, denominados como ribeirinhos.

O ambiente então, de acordo com Fraxe (2007), como passa por transformações periódicas no decorrer do ano, fazendo da várzea uma paisagem “anfíbia”, em que o ribeirinho tende a adaptar-se juntamente com seus sistemas produtivos da pesca, caça e agricultura.

Durante um período do ano (4 a 5 meses), a maior porção dessa planície está submersa e faz parte do ambiente aquático; em outro período, participa do ambiente terrestre. A falta de sincronização entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas) faz com que existam quatro “estações climáticas” no ecossistema de várzea, que regulam o calendário agrícola: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas). (FRAXE, 2007, p. 15).

Segundo Fraxe (2007), os meses fevereiro, março e abril é considerado o período da enchente. Maio, junho e julho, configura-se na cheia dos rios. Agosto e setembro, as águas começam a baixar, é o período da vazante e outubro inicia-se o início da seca, englobando novembro, dezembro e janeiro, que dá início de um novo ciclo, a subida das águas.

Por estarem sujeitas a essas mudanças contínuas em suas paisagens de várzea, as mulheres que vivem e desenvolvem sua produção de hortaliças e a pesca do camarão de acordo com o ambiente aquático da localidade. Ou seja, as formas de produção que relatam as mulheres entrevistadas, a forma de produção da agricultura, no qual as mesmas, adaptam-se ao ambiente que vivem para seguir suas formas de produção.

O que é produzido ou pescado é vendido nas feiras da cidade de Parintins, sendo a Feira do Bagaço, localizado no bairro da francesa, ao leste da cidade; Feira do Mercado, no centro da cidade e Feira do Produtor. São espaços de comercialização mais utilizados pela mulher, tanto pela proximidade dos portos improvisados da cidade, quanto pelo destaque de estar entre as principais da cidade. Como pode ser observado na figura 05, a seguir.

Figura 5 - Dona Valmita na comercialização da tapioca.



Fonte: Suzanne Guimarães, 2019.

É uma dinâmica que envolve persistência e luta, tendo a mulher feirante das comunidades tem o dever de cultivar ou pescar o produto da venda e comercializar em espaços disputados diariamente entre os demais comerciantes, em espaços sem infraestrutura, com precariedade e sem assistência governamental.

De acordo com as entrevistas realizadas, percebe-se as dificuldades das mulheres feirantes, que se estendem desde o momento da pesca do camarão ou plantio de hortaliças, como no transporte de mercadorias e locomoção até a cidade, até no momento de se estabelecer em lugares nas feiras, configurando assim a luta da mulher ribeirinha pela sobrevivência e a relação na disputa de espaço com o homem no âmbito das feiras.

A senhora Marcia de 43 anos, pescadora de camarão, no qual é agricultora familiar, afirma que vem desenvolvendo esta profissão há 3 anos, no qual está situada no local por motivos do sustento da família, como relata a seguir.

Eu trabalho aqui pra vender o que eu pesco e planto, como você pode ver ai a mandioca, jerimum, cheiro verde e o meu camarão, pra sustentar meus 4 filhos junto com o meu companheiro, a nossa renda diária aqui depende do dia, as vezes consigo 50 reais as vezes 80 e assim a gente vai levando como pode. Graças a Deus não se tem preconceito com a gente e a nossa dificuldade é esse sol ne o calor, e a chuva quando vem.¹

¹ Entrevista concedida a esta autora. Data. Ver anexos.

A senhora Fatima dos Santos da comunidade do Máximo, no qual, com a venda de produtos advindos da roça, como farinha, tapioca, e variedades de beiju. Da comunidade do Bom Socorro do Zé Açú, a senhora Valmita Pereira de Souza de 60 anos, também praticando a venda de produtos advindos da agricultura familiar. Da Comunidade do Quebra, encontra-se nas feiras, a senhora Marielsa de 50 anos, produtora e vendedora de hortaliças e outros.

Tais figuras femininas representa a presença das mulheres nas feiras da cidade de Parintins, tanto pescadoras e agricultoras, tornando-se bastante comum nos dias atuais. A feira para elas dá a possibilidade de garantir a venda de seus produtos e o sustento da família.

Segundo a senhora Marcia, com a pratica da pesca e venda do camarão e dos produtos agrícolas, a renda ajuda a manter o modo de vida nas comunidades, como relata a seguir.

O que eu consigo aqui, dar para manter minha família dar o que comer e o que vestir, consigo criar meus filhos bem, com dificuldade, mas a gente vive bem graças a Deus.²

É uma profissão que segundo estas mulheres traz algumas dificuldades, tanto no local de trabalho de pesca ou manejo da agricultura, como no transporte e venda dos produtos nas feiras de Parintins, segundo relata a senhora Fátima dos Santos:

A gente tem sim muitas dificuldades pra transportar nosso produto pra cá pra feira, mas a gente faz de tudo pra que o nosso produto possa chegar tudo ok, a venda aqui é concorrida né, mas eu consigo tirar o sustento da minha família.³

Estas mulheres, agricultoras e pescadoras feirantes, sonham com dias melhores e condições de vida que sejam capazes de ir além desta realidade, como relata a senhora Gisele de Souza Nogueira de 33 anos, feirante na feira do Bagaço;

Há, eu tenho sim um grande sonho de poder um dia ter uma casa melhor tanto na minha comunidade, conseguir formar todos os meus filhos numa faculdade, meu filho sonha em ser advogado, e o sonho dele é meu sonho, luto todo dia pra dar o que de comer a eles ensino eles a trabalharem desde

² Entrevista concedida a esta autora. Data. Ver anexos.

³ Entrevista concedida a esta autora. Data. Ver anexos.

cedo junto comigo, sei que a renda que tenho é pouco, mas eu consigo viver com cabeça erguida eu e meu marido pra sustentar eles.⁴

Portanto, são mulheres que anseiam por melhorias, que lutam dia após dia na busca por uma vida melhor, que se utilizam da pesca e do manejo da agricultura familiar uma possibilidade de realização de sonhos.

⁴ Entrevista concedida a esta autora. Data. Ver anexos.

CONSIDERAÇÕES

A mulher ribeirinha do município de Parintins/AM, participa e desenvolve diversificadas atividades socioeconômicas nas comunidades rurais, transgredindo o espaço da casa com os afazeres domésticos e atenção aos filhos, destacando-se como uma das personagens que diariamente luta pela sobrevivência. O rio, o solo e a floresta servem de cenário no cotidiano de trabalho na busca do sustento familiar econômico.

É esta mulher que passa por dificuldades, enfrenta os desafios, mas se recolhe ao seu mundo do silêncio, não revelando nem demonstrando as angustias que vivencia no ambiente de trabalho, enfrentando a noite, as águas agitadas do rio Amazonas, a luta por espaço para a venda de seus produtos e a falta de políticas públicas voltadas para estes ribeirinhos.

A mulher ribeirinha das comunidades do Máximo, Quebra, Paraná do Espírito Santo do Meio, Bom socorro do zé Açú e Catispera carregam consigo estas experiências de vida, assim como as demais outras comunidades.

Neste trabalho, identificamos uma relação entre urbano e rural, período de cheia dos rios e da vazante, o momento de pescar e o momento de plantar, de vender e de esperar.

Destas atividades, a mulher ribeirinha, como parte e agente de produção e reprodução da agricultura e pesca, encontra nas feiras da cidade de Parintins a possibilidade de venda de seus produtos para garantir o sustento da família e os sonhos que carregam consigo.

As dificuldades, apesar de estenderem-se desde o processo inicial destas atividades, não se sobrepõe ao objetivo final do trabalho na várzea, nem da venda nas feiras. O que se observa, é a falta de visibilidade ao trabalho da mulher feirante, tanto por parte do setor econômico do município, como por falta de políticas públicas voltadas à seguridade de direitos sociais a essa pequena parcela de resistência feminina de trabalho autônomo.

Se todas as feiras da cidade tivessem uma infraestrutura adequada, políticas públicas e seguridade, sem a preocupação de serem furtadas, sol e chuva não fossem fatores negativos na realidade destas feirantes para a comercialização dos produtos no qual, as mulheres de comunidades ribeirinhas se deslocam até ao processo da

venda, seria de suma importância tanto para a segurança e qualidade do produto destas mulheres, como para a população em si que vão até elas.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edna Ferreira. **Gênero e Trabalho nas Sociedades Pesqueiras In: Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Organizadores: Lourdes G. Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiuza de Mello. Museu Paraense Emílio Goeldi, Coleção Eduardo Galvão. Belém –Pará, 1993.
- BRASIL, João Bosco dos Santos. **Mulheres pescadoras da várzea do município de Parintins – AM: a pesca do camarão nas comunidades da Brasília e Catispera**. Dissertação (mestrado em geografia) - Universidade Federal do Amazonas, 2015
- COSTA, Heloísa Lara Campos da. **No limite do possível as mulheres e o poder na Amazônia 1840-1930**. (tese de doutorado) Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação. 2000.
- DIÓGENES, M. R. SOARES, S. M. SCHERER, E. F. **O lugar da pesca de camarão em Parintins: as camaroeiras e o seguro defeso**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2009.
- NODA, Sandra do N.(Org.). **Agricultura familiar na Amazônia das Águas**. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- OLIVEIRA, Elimar dos Santos de Oliveira. CARDOSO, Renato Soares. **A pesca de camarão no município de Parintins, Amazonas, Brasil**. III Encontro Nacional dos Núcleos de Pesquisa Aplicados em Pesca e Aquicultura. Buzios/RJ, 2011.
- RODRIGUES, Christiane Pereira. **Agora são elas que falam: pescadoras de camarão da comunidade Salvação**. 2012.
- SCHERER, Elenise. **Trabalhadores e trabalhadoras na pesca: ambiente e reconhecimento**. 1º ed. – Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, Adriano Prysthon da. **Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2014.
- SOUZA, Valdilene Siqueira de. **Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia: Parintins-AM**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. 2017.

SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Territorialidades rurais no município de Parintins: hábitos, circularidade da cultura e ethos ambiental na localidade do Zé Açú.** Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.

WITKOSKI, A. C. **Terra, Floresta e Água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** Manaus: Edua, sd. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato, **Região e Organização Espacial, 1987,** Editora: Atica

ANEXOS



Peneirando a tapioca para a comercialização na feira



A venda de derivados da mandioca na feira



Organizando os produtos derivados Da agricultura familiar, para a comercialização na feira.



Comercializando os derivados da mandioca na feira.